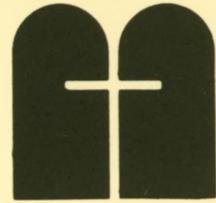


## Mais Pregadores no Campo

*“O número de obreiros no ministério não deve ser diminuído, mas grandemente aumentado. No lugar onde há agora um ministro, vinte devem ser acrescentados; e se os reger o Espírito de Deus, esses vinte hão de apresentar a mensagem de tal maneira, que acrescentarão outros vinte”.*

— Obreiros Evangélicos, pp. 65 e 66.



**Jan/Fev 78**  
**ano 44**  
**número 1**

---

**DE CORAÇÃO A CORAÇÃO**

---

Senhor Presidente 3

---

**EVANGELISMO**

---

**PENETRAÇÃO 78**

---

O Conceito de Missão na Igreja Adventista de 1844 a 1874 5

---

O Futuro do Movimento Adventista 8

---

**Planos Para Alcançar Cada Lar Sul-Americano Antes**

---

de 1980 12

---

**O PASTOR**

---

Fosdick: Ensaio Sobre a "Alocação Pública Bem

---

Sucedida" 14

---

---

**O LAR DO PASTOR**

---

Senso do Dever 17

---

**ARTIGOS GERAIS**

---

As Festas Hebraicas no Quadro Profético

---

e Escatológico 21

---

Gerente Geral:  
Wilson Sarli

Redator-Chefe:  
Carlos A. Trezza  
Redator:  
Naor G. Conrado

Diretor:  
Arthur S. Valle

Colaborador Especial:  
Rubén Pereyra

Colaboradores:  
Enoch de Oliveira  
José C. Bessa  
Rolf Belz

Depto. de Arte:  
Henrique C. Kaercher

Diagramação:  
Edilmar Córte-Real  
Francisco Marques  
Erlo Kohler  
Wilson F. Almeida

Assinatura Anual:  
Cr\$ 96,00  
US\$ 6,00

Número Avulso:  
Cr\$ 16,00  
US\$ 1,00

Editado bimestralmente  
pela **Casa Publicadora**  
**Brasileira**, Av. Pereira  
Barreto, 42 —  
09000 - Santo André,  
São Paulo.

Esta revista acha-se  
registrada na DCDP do  
DPF sob nº 899 — P.209/73

Todo artigo ou qualquer  
correspondência  
para a revista  
**O Ministério Adventista**,  
devem ser enviados para  
o seguinte endereço:  
**O Ministério Adventista**,  
Caixa Postal 07-1042 —  
70000 - Brasília — DF.

# Senhor Presidente . . .

V. Sa. tem em mãos tremendas responsabilidades. É o líder do qual depende em grande medida o futuro da obra em seu campo. Há pouco eu estava pensando numa dessas funções: a de formar os novos obreiros que seu campo emprega, especialmente os aspirantes ao ministério.

Quando um jovem recebe o diploma depois de quatro anos de intenso estudo, está dando por concluída uma etapa de sua vida, e abrindo outra. E essa é a mais difícil. É relativamente fácil tirar boas notas num exame; ser, porém, logo depois, um ministro e um ser humano no âmbito do ministério, não é tão fácil assim. O recém-graduado recebeu um completo preparo acadêmico. Agora, ao sair ao campo de trabalho, deverá pôr em prática a teoria aprendida. Ocorre, além disso, uma súbita modificação em sua vida. Primeiro porque trocará o ambiente colegial, repleto de encanto e atividade, pelo de uma cidade, vila ou aldeia talvez um tanto isolada. Seu programa de atividades também sofrerá alterações, visto que sua vida, daí em diante, não será regida por sinos, campainhas e um horário marcado, mas ele mesmo será o administrador de seu tempo.

Permita-me dizer-lhe, Senhor Presidente, que o futuro desse jovem dependerá em grande medida de V. Sa. e de sua relação para com ele. Durante alguns anos ele continuará sendo um aluno, mas agora o senhor será o professor e chefe.

Talvez a primeira verdade que valha a pena recordar agora é que o senhor é o presidente da Mesa Administrativa de seu campo, mas não é o presidente da igreja ou o presidente dos pastores. É — isto sim — o Pastor Geral da igreja. Sim, é o líder, mas não somente na área administrativa. Espera-se também que seja um líder espiritual. Em outras palavras, seu trabalho não é o de um gerente, mas o de um Pastor. Analisemos juntos algumas realidades:

1. O obreiro novo necessita de muita orientação de sua parte. O *Manual Para Aspirantes al Ministerio* recomenda o seguinte: "Quando o principiante chega a seu lugar de trabalho,

Rubén Pereyra,  
Associação  
Ministerial da DSA.

seria grato para o presidente que o visitasse junto com a esposa, o quanto antes possível. Juntamente com o te-soureiro podem examinar os regulamentos do campo local e responder a qualquer pergunta que surja. Este período de orientação será de grande valor". — Página 26.

Mais de um talento se perde por falta desse contato humano inicial. O aspirante é uma criança no ministério. Necessita da orientação pastoral de seu líder, assim como o novo converso precisa da orientação de seu pastor. A mão ajudadora estendida a tempo será muito valiosa.

Ao ler as cartas de S. Paulo a Timóteo, podemos imaginar com quanta ansiedade o jovem ministro lia as instruções de seu líder. Podemos imaginar também os erros que foram evitados por ele ao seguir essas instruções.

2. O obreiro com defeitos pode ser repreendido, castigado . . . ou ajudado.

Creemos que o pior aspirante ao ministério foi aquele homem cheio de defeitos chamado Pedro. No entanto, Jesus trabalhou pacientemente com ele. "Jesus caminhava sozinho com Pedro, pois havia alguma coisa que lhe desejava comunicar a ele só". — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 605. Jesus sabia que os graves defeitos do caráter de Pedro podiam e deviam ser corrigidos.

Qual foi o resultado desse contato permanente de Jesus com Pedro? "Antes de sua queda, Pedro estava sempre falando desavisadamente, levado pelo impulso do momento. . . . O Pedro convertido, porém, era bem diverso. Conservava o antigo fervor, mas a graça de Cristo lhe regulava o zelo. Não mais era impetuoso, confiante em si mesmo, presumido". — *Ibidem*.

"Nunca me disseram quais eram minhas faltas", queixava-se amargamente o obreiro ao receber a notificação de que cessaram suas funções ministeriais na Associação. "Por que alguém não veio conversar francamente comigo, mostrando-me o que devia ser mudado?" Este não é um caso isolado. Não haja em suas mãos de presidente sangue de ministros! Antes de disci-

**De Coração  
a Coração**

plinar, faça tudo o que estiver ao seu alcance para redimir. Jamais a Mesa Administrativa deveria tomar um voto antes de esgotar todos os recursos para solução dos problemas. Contudo, seja drástico diante da irresponsabilidade ou do pecado, quando não há melhora.

“Jesus constitui nosso exemplo na liderança. Deus nos recomendou que edificamos os homens, e não que os quebrantemos ou trituramos. Que maior monumento poderíamos deixar num campo, do que um obreiro forte ao qual tenhamos ajudado a superar o erro ou o desânimo?” — Robert H. Pierson, *Para Ud. que quiere ser Dirigente*, p. 61.

Tal foi o caso de João Marcos, o qual ficou desanimado e abandonou a Paulo: “Trabalhara com êxito sob circunstâncias favoráveis, mas agora, em meio da oposição e dos perigos que tantas vezes cercam o missionário pioneiro, não suportou as dificuldades como bom soldado da cruz”. — *Atos dos Apóstolos*, pp. 169 e 170.

Paulo julgou-o severamente e em forma desfavorável. Não assim Barnabé, que nele via possibilidades de redenção e que discernia no jovem discípulo os frutos da inexperiência. Possuía, porém, a índole de bom ministro. “Anos depois sua solicitude por Marcos foi ricamente recompensada; pois o jovem se entregou sem reservas ao Senhor e à tarefa de proclamar a mensagem do evangelho em campos difíceis. Sob a bênção de Deus e a sábia orientação de Barnabé, ele tornou-se um valeroso obreiro”. — *Idem*, p. 170.

No fim da carreira de Paulo, é João Marcos quem o acompanha nas vicissitudes da prisão de Roma. “Em face de severa adversidade e prova, Marcos continuou firme, um sábio e amado auxiliar do apóstolo”. — *Idem*, p. 455.

Essa é a missão que o Senhor tem em mãos: formar e salvar homens! Não haja sangue de obreiros em suas mãos!

É mais fácil cair em cima dos obreiros-problema. Em compensação é mais produtivo orar com eles e em seu favor, e dar-lhes um bom exemplo. “O presidente de uma associação local, por sua maneira de lidar, educa os ministros que se acham sob sua jurisdição. . . . Se os oficiais da associação, como servos fiéis, cumprirem os deveres que lhes são indicados pelo Céu, não se deixará o trabalho em nossas associações ficar emaranhado em perplexidades, como tem acontecido até agora. E ao trabalhar assim, os obreiros se tornarão homens sólidos, de responsabilidade, que não fracassarão, nem ficarão desanimados num lugar

“Quando o principiante chega a seu lugar de trabalho, seria grato para o presidente que o visitasse junto com a esposa, o quanto antes possível. Juntamente com o tesoureiro podem examinar os regulamentos do campo local e responder a qualquer pergunta que surja. Este período de orientação será de grande valor”.



difícil”. — *Obreiros Evangélicos*, p. 419.

Tudo isso poderia ser resumido nas palavras do atual presidente da Associação Geral, o qual declara em seu livro *Para Ud. que quiere ser Dirigente*: “O dirigente genuíno não é um mercenário. Ama de veras a seus homens. Identifica-se com suas esperanças, alegrias, decepções e problemas. Aproveita toda oportunidade para acompanhá-los no campo. Fortalece os débeis e inspira aos fortes. Quando sobrevém a adversidade, suaviza o golpe. Não é um chefe, e, sim, um irmão”. — Página 66.

Senhor Presidente, V. Sa. tem em mãos tremendas responsabilidades. É o líder do qual depende em grande medida o futuro da obra em seu campo. Ocupe-se nas tarefas administrativas com todo o seu entusiasmo. Não se olvide, porém, de pastorear o rebanho seletivo do qual é o Pastor: o corpo de obreiros de sua Associação, especialmente os novos. Terá a gloriosa alegria de transformar alguns homens cambaleantes em verdadeiros gigantes. A obra será beneficiada, e o senhor também. “O verdadeiro dirigente cristão apóia seus homens quando há problemas e quando não os há. Por isso seus obreiros o apoiarão lealmente em todas as vicissitudes de sua liderança”. — *Op. Cit.*, p. 62.

NOTA: Recomendamos a leitura dos capítulos: “O Cuidado Pelos Obreiros” (*Obreiros Evangélicos*, pp. 426-430) e “Considerações Para os que Estão Lutando com Dificuldades” (*Idem*, pp. 491-495).

# O Conceito de Missão na Igreja Adventista de 1844 a 1874

Como conseqüência do desapontamento de 22 de outubro de 1844, os observadores do sábado ficaram reduzidos a um grupo pequeno e disperso, restringido quase totalmente à área da Nova Inglaterra, à qual limitaram seus labores durante os primeiros anos depois do desapontamento.

De modo geral, eram muito pobres, visto que a maioria deles vendera seus sítios, casas e estabelecimentos comerciais e dedicara tudo ao avanço da causa que amavam intensamente.

Foi durante esse período, tão cheio de durezas e desalentos, que eles fizeram os primeiros esforços para o estabelecimento de uma frente unida no tocante a seu conjunto doutrinário. Esse objetivo foi alcançado nos seis "congressos sabáticos" de 1848. Escrevendo sobre o resultado dessas reuniões, disse o Pastor Tiago White:

"Com respeito ao número e à influência, isto assinalou uma nova era para a causa, embora não fôssemos mais de trinta, no total. Os irmãos ficaram muito animados, e o irmão Bates começou a trabalhar mais extensamente ao abrir-se o caminho diante dele".<sup>1</sup>

## A Doutrina da Porta Fechada

Após o término do tempo profético em 1844, e baseados numa interpretação errônea de Apocalipse 14:12, muitos dos adventistas do sétimo dia pensavam que tudo quanto lhes restava fazer era esperar pacientemente pela vinda do Senhor; visto que, devido ao conceito conhecido como a "doutrina da porta fechada", em que criam tais dirigentes como José Bates e Tiago White, eles pensavam que não se deviam efetuar esforços em favor da salvação daqueles que não haviam participado do "clamor da meia-noite", em 1844.

Isso mudou rapidamente, pois já em 1852 o Pastor White escreveu:

"Caso dissessem que somos da teoria da porta aberta e do sábado do sétimo dia, não objetaríamos, pois esta é nossa fé".<sup>2</sup>

No sexto e último dos congressos

Rodolfo Hein,  
Professor  
de Teologia  
no Colégio  
de Costa Rica.

sabáticos de 1848, realizado em Rochester, Massachusetts, em novembro desse ano, a Sra. White teve uma visão, depois da qual disse a seu esposo.

"Tenho uma mensagem para ti. Deves começar a publicar um pequeno periódico e mandá-lo ao povo. Que seja pequeno a princípio. . . Desde este pequeno começo foi-me mostrado assemelhar-se a torrentes de luz que circundavam o mundo".<sup>3</sup>

Na revista *The Present Truth*, de setembro de 1849, ela acrescentou: "Temos apenas um curto prazo para trabalhar para Deus. Nada deveria ser demasiado precioso para ser sacrificado pela salvação do desgarrado e disperso rebanho de Jesus".

## Os Primeiros Esforços Missionários

O ano 1850 encontrou não somente a José Bates e a Tiago e Ellen White visitando o rebanho "disperso", mas uniram-se-lhes diversos crentes que achavam que não deveriam descansar, e, sim, "ir o mais depressa possível em busca das ovelhas dispersas que (estavam) perecendo por falta de alimento espiritual".<sup>4</sup>

A visão missionária era, porém, muito restrita, como podemos ver num artigo publicado em 1853, no qual o Pastor White "mostrava" que o sinal da pregação do evangelho a todo o mundo se cumprira antes de 22 de outubro de 1844.<sup>5</sup>

Nossos pioneiros reconheceram bem cedo a importância da "página impressa" e fizeram tudo o que estava a seu alcance para aumentar-lhe a circulação e alcançar assim a todos quantos fosse possível.

No verão de 1854, M. E. Cornell e J. N. Loughborough usaram pela primeira vez um novo e eficiente método de evangelismo: as reuniões em tendas.

## Na Conquista do Oeste

Impressionados com a idéia de que a obra devia expandir-se além dos lugares nos quais se havia iniciado, nossos pioneiros avançaram para o Oeste. Em 1855 apareceu na *Review and He-*

## EVAN - GELISMO

## Penetração 78

rald um artigo assinado por J. Hart, no qual ele escreveu o seguinte:

“É evidente que os que trabalham nesta causa devem modificar sua maneira de agir. Temos sido acusados por nossos oponentes de possuir uma fé do tamanho de uma casca de noz; isto não é assim. Mas eles poderiam dizer com razão que nossa obra é desse tamanho. Deve haver maior avanço em direção a novos campos. A igreja deve sentir maior espírito missionário. Oxalá os que possuem a verdade enviem obreiros ao campo e os sustentem nele com suas orações e com seus meios”.<sup>6</sup>

Foi devido a sua crescente percepção da importância do Oeste que os irmãos mudaram a *Review and Herald* para Battle Creek, Michigan, em novembro de 1855.

Com a abertura de novos territórios no Oeste, a palavra “missionário” tomou um novo significado e encontrou seu lugar no vocabulário dos observadores do sábado. É interessante notar que essa modificação de conceitos se tornou possível pela implantação do sistema de “Doação Sistemática”, adotado numa reunião geral dos observadores do sábado, em Battle Creek, no mês de junho de 1859. Na mesma reunião foi escolhida uma junta missionária, cujo presidente, o Pastor White, escreveu durante uma viagem de promoção ao leste do país:

“Um dos objetivos desta viagem é suscitar interesse pelas missões naquelas partes do país que parecem estar necessitando da Palavra de Deus. . . . Chegou o tempo de aumentar nossos esforços. Que nossa luz brilhe e que o alarme seja dado no estrangeiro”.<sup>7</sup>

### Em Idiomas Estrangeiros

É possível que o que mais influenciou os crentes para ver a amplitude da comissão evangélica tenha sido a aceitação da mensagem por parte de pessoas de outros idiomas, nos Estados Unidos e no Canadá. Tanto quanto sabemos, a primeira informação que temos de uma pessoa trabalhando a favor desse grupo é uma carta publicada em nosso órgão oficial em 2 de fevereiro de 1855, na qual Gustavo Mellberg, um adventista nascido na Suécia e residente em Koskonong, Estado de Wisconsin, debate com Tiago White a possibilidade de traduzir um folheto para o sueco ou norueguês.<sup>8</sup>

Um ano depois, Jessé Dorcas, de Ohio, expressa ao Pastor Urias Smith seus anelos de que fosse publicado um folheto sobre o sábado, em alemão,

*“Tenho uma mensagem para ti. Deves começar a publicar um pequeno periódico e mandá-lo ao povo. Que seja pequeno a princípio . . . Desde este pequeno começo foi-me mostrado assemelhar-se a torrentes de luz que circundavam o mundo”.*

para os alemães que viviam em sua área.<sup>9</sup> Em resposta a esse desejo, a Associação Geral, em 29 de maio de 1856, resolveu preparar um folheto sobre o sábado, em alemão.<sup>10</sup> Esse folheto foi escrito nesse mesmo ano, em inglês; mas houve dificuldade para encontrar quem o traduzisse para o alemão. Finalmente o editor do semanário *American Israelite*, de Cincinnati, Ohio, concordou em fazê-lo.<sup>11</sup> A tradução foi muito pobre, e o folheto teve pouca circulação. No entanto, esta é, aparentemente, a primeira publicação adventista em outro idioma que não seja o inglês.

Em dezembro de 1857, A. C. Bordeaux, o qual trabalhava entre a população de língua francesa desde o ano anterior, foi a Battle Creek para ajudar na tradução de referido folheto para o francês.

O interesse pelos nativos do país fez com que W. S. Ingram e R. F. Cotrell fossem visitar várias vezes os índios sêneca do oeste do Estado de Nova Iorque.

### Uma Tímida Olhadela Sobre o Mar

Até então, pouco ou nada se havia feito para levar a mensagem às terras de além-mar. A primeira indicação do interesse neste sentido talvez seja uma carta de José Bates escrita em 13 de maio de 1855, na qual ele disse:

“Pensei que algumas de nossas publicações seriam provavelmente uma bênção se fossem enviadas a alguns dos postos missionários no exterior, especialmente os das ilhas Sandwich, onde há milhares de nossos marinheiros em certas épocas do ano, para a temporada da pesca de baleias”.<sup>12</sup>

Nesse tempo começaram a chegar notícias de observadores do sábado na Europa. A. C. Bordeaux, de Vermont, soube por boca de um pastor de outra denominação, chegado da França, que nesse país havia pelo menos dez observadores do sábado, dos quais foram dados nomes e endereços<sup>13</sup>, e na *Review and Herald* de 19 de novembro de 1861 apareceu uma carta da Sra. Margarida Armstrong, de Tullyvine, Irlanda, contando que, graças às publicações que ela recebera de amigos da América do Norte, havia cinco pessoas na Irlanda procurando guardar a lei de Deus.

Os crentes, nesse tempo, consideravam, porém, impossível a conversão do mundo, pois pensavam que o evangelho já fora pregado a todo o mundo durante o tempo da mensagem do primeiro anjo, mas fora rejeitado, e

agora era demasiado tarde. Em 1855 José Bates escreveu que S. Mateus 24:14 já se cumprira. E em fevereiro de 1859, num artigo da *Review and Herald*, Urias Smith opinava que a pregação do evangelho entre os estrangeiros dos Estados Unidos estava cumprindo Apocalipse 10:11.

De vez em quando apareciam em nosso órgão oficial artigos assinados por dirigentes da igreja, mostrando a falta de êxito das missões no estrangeiro, por parte de outras denominações, e a futilidade dos esforços neste sentido. Escreveu o Pastor White:

"A conversão do mundo está completamente fora do alcance dos instrumentos possuídos pelo homem".<sup>14</sup>

Ao mesmo tempo, surge em nossos círculos uma distinção entre cristãos e pagãos, no tocante à responsabilidade de evangelizar o mundo. Tiago White escreveu:

"Deveria ser incentivado o espírito missionário por parte dos que professam a mensagem, não para enviar a mensagem aos gentios, mas para difundir a solene admoestação no arraial do cristianismo corrompido".<sup>15</sup>

E se incentivou a pregação do evangelho onde quer que "houvesse uma oportunidade para propagar a verdade".<sup>16</sup>

Surge então a crença de que a mensagem do terceiro anjo era diferente da do primeiro e do segundo e que deveria ser apresentada ao mundo.

O primeiro resultado positivo da organização da Associação Geral em 1863, com referência às missões, foi que no Artigo 5 de sua Constituição tomaram-se providências para a arrecadação de fundos destinados à manutenção das missões.

A obra entre as minorias de língua estrangeira, nos Estados Unidos, recebeu um forte impulso quando em 1863 se converteu João G. Mattison, oriundo da Dinamarca. Ele aprendeu a compor tipos, para preparar assim seus próprios folhetos a serem usados na evangelização de seus compatriotas.

### Chamados Macedônicos

Na década de 1860 vieram chamados da Irlanda, da África e da Califórnia.<sup>17</sup> Desta última região, os interessados enviaram 133 dólares em ouro, pedindo um missionário. Mas não havia homens disponíveis. Tudo isso teve pouca influência sobre o envio de missionários aos pagãos, pois seu "mundo" parecia restringir-se às nações cristãs.

Por volta do fim da década, aumentara o conceito de que a mensagem do

*Nossos pioneiros reconheceram bem cedo a importância da "página impressa" e fizeram tudo o que estava a seu alcance para aumentar-lhe a circulação e alcançar assim a todos quantos fosse possível.*

terceiro anjo devia chamar um povo para fora do mundo. Em 1872 Elen G. White escreveu o seguinte:

"Há muito que fazer. Deveria haver missionários no campo que estivessem dispostos, se necessário, a ir aos países estrangeiros para apresentar a verdade aos que estão em trevas".<sup>18</sup>

Um ano depois, disse o Pastor White: "Por demasiado tempo temos feito uma brincadeira da mensagem que Deus nos encarregou de dar ao povo. Oxalá daqui em diante nossos esforços correspondam à magnitude e importância da tarefa, ou abandonemos nossa profissão".<sup>19</sup>

Em novembro desse mesmo ano ele insistiu na necessidade de publicar literatura em idiomas estrangeiros, afirmando que estavam com anos de atraso em relação com as providências divinas, mas não por falta de recursos.

Em abril de 1874 Ellen G. White escreveu da Califórnia:

"Disse o mensageiro divino: 'Nunca percais de vista o fato de que a mensagem que levais é uma mensagem de alcance mundial...' Ele falava com deliberação e perfeita segurança. 'Todo o mundo... é a grande vinha de Deus... Tendes idéias demasiado restritas acerca da obra de Deus para este tempo... A casa é o mundo. Deveis ter uma visão mais ampla da obra do que a que possuíis'.<sup>20</sup>

### Nosso Primeiro Missionário na Exterior

Em 1873 vieram cartas da Dinamarca pedindo publicações. E em 1874 as vozes do exterior começaram a ser mais numerosas. Na Suíça formara-se um bom grupo de observadores do sábado. Noutros países eles eram em número de um ou dois.

De acordo com uma carta de A. Vuilleumier, publicada na *Review and Herald* de 17 de março de 1874, um italiano com o sobrenome de Ferrari aceitou o sábado e ganhou seis pessoas para a mensagem. No número de 12 de maio desse mesmo ano, S. N. Haskell fala de adventistas do sétimo dia na Noruega, Suécia, Dinamarca, França, Espanha, Itália, Rússia, Suíça e Inglaterra. Nove nações esperando!

Os ensinamentos dos adventistas do sétimo dia chegaram à Suíça por intermédio de M. Czechowsky, que procurou ser enviado à Europa pela igreja. Mas os dirigentes "pensaram que não chegara o tempo para que ele o fizesse". E, assim, Czechowsky recorreu à ajuda dos adventistas do primeiro dia, que o enviaram à Europa em 1864. Ali,

depois de procurar estabelecer a obra na Itália, dirigiu-se para a Suíça, onde fundou um grupo de crentes adventistas do sétimo dia em Tramelão. Da Suíça foi para a Romênia, e faleceu em Viena, no ano 1876.

Em 1867 os adventistas de Tramelão se comunicaram com a Associação Geral, solicitando que lhes enviassem um Pastor. Decidiu-se que Tiago Erzberger fosse aos Estados Unidos para assistir às reuniões da Associação Geral em 1869. Ele chegou em Battle Creek no mês de junho desse ano, e permaneceu ali até setembro de 1870, quando, depois de haver sido ordenado ministro, retornou à Suíça.

Por volta de 1873, a obra na Suíça crescera até consistir de quatro igrejas, com um total de 74 membros. A despeito, porém, dos muitos pedidos, ninguém fora enviado para ajudá-los. Mas em 10 de agosto de 1874, a Associação Geral votou enviar J. N. Andrews à Suíça, "logo que fosse possível".

A ocasião propícia chegou em 15 de setembro desse mesmo ano, quando J. N. Andrews, em companhia de seus filhos Carlos e Maria, partiu do porto de Boston em direção à Europa, che-

*Em fevereiro de 1859, num artigo da Review and Herald, Urias Smith opinava que a pregação do evangelho entre os estrangeiros nos Estados Unidos estava cumprindo Apocalipse 10:11.*

gando na Suíça no fim de outubro desse ano.

Começara um novo e brilhante capítulo na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e isto com "o homem mais capaz em todas as nossas fileiras"<sup>21</sup>, segundo Ellen G. White descreveu o Pastor Andrews para os irmãos suíços, em 1878.

#### Bibliografia

1. White, *Life Incidents in Connection With The Great Advent Movement as Illustrated by The Three Angels of Revelation XIV*, p. 217.
2. J. White, *Review and Herald*, 17 de fevereiro de 1852.
3. Ellen G. White, *Vida e Ensinos*, p. 127.
4. J. White, *The Present Truth*, março de 1870.
5. J. White, *Review and Herald*, 28 de agosto de 1853.
6. J. Hart, *Review and Herald*, 12 de setembro de 1855.
7. J. White, *Review and Herald*, 1º de junho de 1859.
8. G. Mellberg, *Review and Herald*, 2 de fevereiro de 1855, p. 183.
9. J. Dorcas, *Review and Herald*, 24 de abril de 1856, p. 14.
10. *Review and Herald*, 26 de maio de 1856, p. 44.
11. *Review and Herald*, 22 de outubro de 1857.
12. J. Bates, *Review and Herald*, 29 de maio de 1850.
13. A. C. Bordeau, *Review and Herald*, 26 de março de 1877.
14. J. White, *Review and Herald*, 12 de agosto de 1867.
15. J. White, *Review and Herald*, 4 de setembro de 1856.
16. F. Wheeler, *Review and Herald*, 18 de dezembro de 1856.
17. H. More, *Review and Herald*, 24 de março de 1864.
18. Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 3, p. 94.
19. J. White, *Review and Herald*, 26 de agosto de 1873.
20. Ellen G. White, *Special Testimonies for Ministers and Workers*, nº 7, pp. 4 e 5.
21. Ellen G. White, *Carta 2*, 1878.

# O Futuro do Movimento Adventista

Chegando ao termo de sua vida e de seu ministério, em 1915, Ellen G. White escreveu estas palavras que deveríamos tornar nossas toda vez que circunstâncias excepcionais, como este centenário, nos fazem refletir sobre o passado, sobre o presente e sobre o futuro do Movimento Adventista: "Ao recapitular a nossa história passada, havendo revisado cada passo do progresso até ao nosso nível atual, posso dizer: Louvado seja Deus! Ao ver o que

Jean Zurcher,  
Secretário  
da Divisão  
Euro-Africana.

**Penetração 78**

Deus tem obrado, encho-me de admiração e de confiança na liderança de Cristo. Nada temos que recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado". — *Test. Seletos*, vol. 3, p. 443.

#### Cem Anos de Missão Mundial

Foram necessários trinta anos para levar o pequeno grupo de adventistas dos Estados Unidos a compreender que a mensagem do evangelho eterno lhes foi confiada para que a anunciassem "aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo, e língua e povo" (Apoc. 14:6). Em 1864, um ano após a organização da Associação Geral, quando M. B. Czechowsky ofereceu seus serviços para levar a mensagem à Europa, os irmãos julgaram não haver chegado ainda o tempo para semelhante empreendimento. Foi neces-

sário esperar os primeiros resultados do trabalho de Czechowsky, que partiu sem o consentimento deles, e o patético apelo de Alberto Vuilleumier, em 6 de janeiro de 1869, repetido e amplificado por Tiago Erzberger, para que triunfasse a idéia de uma obra na Europa.

Saber que havia no velho continente grupos de adventistas desejosos de ser mais bem instruídos, seus reiterados apelos e as luzes do Espírito de Profecia em prol duma obra mundial, tudo isso contribuiu para que os irmãos dirigentes tomassem a decisão de enviar como representante o melhor dentre eles, J. N. Andrews.

Somos gratos ao Senhor por esse primeiro missionário adventista. Depois disso, centenas e milhares têm seguido o exemplo de Andrews. Cem anos mais tarde, só em 1973, 1.159 missionários deixaram sua pátria para se dirigirem a outros países e continentes, atendendo assim à ordem do Mestre: "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura". S. Mar. 16:15. Entre eles, 316 são missionários novos, 388 antigos e 455 voluntários. Graças a esse exército de missionários, a mensagem adventista é pregada atualmente em 90% dos países do mundo e constitui uma das mais vastas obras missionárias — se não a mais vasta — de todas as denominações protestantes consideradas individualmente. Uma expansão tão rápida e de tal amplitude constitui uma prova evidente de que o próprio Deus cuida do desenvolvimento dessa obra.

Para completar este quadro, convém acrescentar aos missionários propriamente ditos os 25.000 evangelistas que hoje proclamam a mensagem em quase mil línguas e dialetos, ao passo que a Igreja emprega cerca de 70.000 obreiros, em diversos ramos de atividade, para a realização de seu mandato divino. São publicados pela Denominação mais de 300 periódicos, e não passa um só ano sem que a Obra penetre nalgum país em que a mensagem ainda não tenha sido proclamada. Conhecendo-se os esforços envidados para a salvação de uma só alma, não é maravilhoso pensar que a "Missão 73" possibilitou conduzir ao Salvador mais de 200.000 novos convertidos? Como podemos deixar de louvar a Deus pela obra de salvação que Ele mesmo tem conduzido ao redor do mundo, com o objetivo de formar um povo, procedente de todas as nações da Terra, disposto a recebê-Lo no dia de Sua glória?

***A mensagem adventista é pregada atualmente em 90% dos países do mundo e constitui uma das mais vastas obras missionárias. Uma expansão tão rápida e de tal amplitude constitui uma prova evidente de que o próprio Deus cuida do desenvolvimento dessa obra.***

## A Igreja Adventista em 1974

Outro aspecto do desenvolvimento da Igreja merece ser destacado, além do crescimento numérico, que num século passou de cerca de 8.000 membros para 2,5 milhões. Até o ano 1950, a maioria dos adventistas viviam na América do Norte, na Europa e na Austrália. Atualmente, só 20% dos adventistas do mundo todo residem nos Estados Unidos, e é muito provável que por volta do fim deste decênio, essa porcentagem não seja superior a 10%. Nos anos futuros essa tendência será ainda mais acentuada, pois os progressos mais rápidos ocorrem presentemente na América do Sul, na África, nas Ilhas Caraíbas e do Pacífico, bem como em determinadas regiões da Ásia.

Como uma grande porcentagem desses membros sempre tem correspondido à geração adulta mais jovem, há ampla margem para crer que a Igreja Adventista do Sétimo Dia permanecerá viva e dinâmica. É provável que o ardor espiritual dos membros dos países do terceiro mundo exercerá uma influência vivificante sobre a Igreja em geral e sobre a irradiação missionária em particular. Desde agora é possível ver que o movimento missionário não ocorre mais num só sentido. Isto é bom, pois no tempo atual, em que muitas portas se fecham aos missionários norte-americanos e europeus, novas forças emergem de todas as partes, como o Brasil, as Antilhas, as Ilhas Filipinas e outras regiões. Esse movimento missionário da Igreja não ocidental para o mundo inteiro certamente favorecerá a expansão do Movimento Adventista nos anos futuros.

Será que isso exigirá menor esforço missionário da parte das igrejas do mundo ocidental? Pelo contrário, sempre haverá necessidade de homens altamente qualificados para ajudar na preparação de obreiros e dirigentes em numerosos países africanos, asiáticos e latino-americanos. Sobretudo, porém, nos compete incentivar o espírito missionário auxiliando financeiramente a expansão da Igreja nos países do terceiro mundo. Mesmo que alguns países se fechem aos missionários do mundo ocidental, isso não significa que será detido o desenvolvimento da Igreja. Certamente vivemos num tempo em que está para ocorrer uma mudança radical. Os conceitos das missões da era colonial devem ser abandonados, mas a missão mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia

deve prosseguir. Há uma obra imensa a ser feita, e sabemos que será efetuada, pela graça de Deus e pela participação de toda a Igreja.

### Uma Obra a Ser Completada

Os pioneiros da Mensagem Adventista não divisaram, desde o começo, a grandeza da tarefa que lhes foi confiada. A visão duma missão mundial só se impôs paulatinamente, sob a pressão das circunstâncias e graças às luzes que o Senhor não cessou de prodigalizar-lhes por meio dos conselhos do Espírito de Profecia. Sob este aspecto, o ano 1874 constitui realmente um ponto decisivo. Os primeiros trinta anos, de 1844 a 1874, foram inteiramente consagrados à proclamação da mensagem dentro das fronteiras dos Estados Unidos. A partir de 1874, a idéia da proclamação mundial do evangelho tem sido imposta a nossos dirigentes.

A publicação, em janeiro de 1874, da nova revista mensal: *The True Missionary* ("O Verdadeiro Missionário"), demonstra o novo espírito reinante na comunidade adventista. O texto escolhido como divisa da revista e colocado sob o título também é bem explícito: "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura". S. Mar. 16:15. Na primeira página, encontrava-se o artigo de fundo, escrito por Ellen G. White, sobre o campo mundial e a missão da Igreja. É nessa perspectiva que se situa a decisão tomada alguns meses mais tarde, de enviar J. N. Andrews à Europa, como nosso primeiro missionário. Tal decisão não era senão a consequência lógica dessa nova visão da Igreja. E como a Igreja Adventista não foi "desobediente à visão celestial", a obra missionária tornou-se para ela, nos cem anos passados, a marca distintiva de sua atividade e a razão de sua presença no mundo.

Fazemos votos de que 1974 assinala, por sua vez, uma nova etapa na proclamação da mensagem. Geograficamente falando, podemos dizer que foi cumprida a primeira parte da ordem do Mestre. Depois de cem anos, os missionários adventistas têm ido por todo o mundo, "até aos confins da Terra". Raros são os países onde ainda não foi pregada a mensagem. Nossa tarefa não se restringe, porém, às considerações de índole geográfica. A ordem de ir "por todo o mundo" tem o sentido de que as boas-novas devem ser pregadas "a toda criatura".

Será que isso é realizável? Não se

*Depois de cem anos, os missionários adventistas têm ido por todo o mundo "até aos confins da Terra". Raros são os países onde ainda não foi pregada a mensagem.*

trata de algo impossível? A tarefa é, por certo, sobre-humana, e ano após ano ela parece ser cada vez mais desmedida. Quem ousaria pensar simplesmente no constante aumento da população do globo, no número de analfabetos que, em vez de diminuir, aumenta constantemente, nos obstáculos de ordem política e religiosa cada vez mais reais, sem falar da escassez de recursos financeiros? Todavia, não disse o próprio Senhor da seara: "Os impossíveis dos homens são possíveis para Deus"? Segundo o exemplo do povo de Israel, ficaremos desanimados com as realidades do mundo a ser conquistado, ou diremos com Calebe e Josué: "Eia! subamos, e possuamos a terra, porque certamente prevaleceremos contra ela" (Núm. 13:30)? Está escrito: "Esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé". I S. João 5:4. Na realidade, foi pela fé que os pioneiros partiram para a conquista do mundo, tal como os apóstolos, na antiguidade. Não requer menos fé, hoje em dia, completar a obra da pregação do evangelho eterno aos habitantes de todo o mundo.

### Promessas Seguras

A Bíblia e o Espírito de Profecia apresentam promessas seguras no tocante à terminação da obra de Deus nos últimos dias. O fim não virá antes que as boas-novas do Reino sejam pregadas "por todo o mundo, para testemunho a todas as nações" (S. Mat. 24:14). "A mensagem do terceiro anjo se avolumará num alto clamor, e a Terra inteira será iluminada com a glória do Senhor". — *Testimonies*, vol. 6, p. 401.

O primeiro indício desse ato final da evangelização do mundo será visto no avivamento da Igreja. Em Sua providência, o Senhor sacudirá a apatia de Seu povo. Uma reforma a preparará para participar sem reservas na conclusão de Sua obra. "Antes de os juízos finais de Deus caírem sobre a Terra, haverá, entre o povo do Senhor, tal avivamento da primitiva piedade como não fora testemunhado desde os tempos apostólicos. O Espírito e o poder de Deus serão derramados sobre Seus filhos". — *O Grande Conflito*, p. 464.

"Em visões da noite passaram perante mim representações dum grande movimento reformatório entre o povo de Deus. Muitos estavam louvando a Deus. Os enfermos eram curados, e outros milagres eram operados. Viuse um espírito de intercessão tal como se manifestou antes do grande dia de

Pentecostes. Viam-se centenas e milhares visitando famílias e abrindo perante elas a Palavra de Deus. Os corações eram convencidos pelo poder do Espírito Santo, e manifestava-se um espírito de genuína conversão. Portas se abriam por toda parte para a proclamação da verdade. O mundo parecia iluminado pela influência celestial". — *Test. Seletos*, vol. 3, p. 345.

"Os obreiros serão antes qualificados pela unção de Seu Espírito do que pelo preparo das instituições de ensino. Homens de fé e oração serão constrangidos a sair com zelo santo, declarando as palavras que Deus lhes dá". — *O Grande Conflito*, p. 605.

"A semente foi semeada e agora brotará e frutificará. As publicações distribuídas pelos missionários têm exercido sua influência; todavia, muitos que ficaram impressionados, foram impedidos de compreender completamente a verdade, ou de lhe prestar obediência. Agora os raios de luz penetram por toda parte, a verdade é vista em sua clareza, e os leais filhos de Deus cortam os liames que os têm retido. Laços de família, relações na igreja, são impotentes para os deter agora. A verdade é mais preciosa do que tudo mais. Apesar das forças arregimentadas contra a verdade, grande número se coloca ao lado do Senhor". — *Idem*, p. 611.

As solenes advertências das três mensagens de Apocalipse 14 comoverão as massas. "Milhares de milhares que nunca ouviram palavras como essas, escutá-las-ão. Com espanto ouvirão o testemunho de que Babilônia é a igreja, caída por causa de seus erros e pecados, por causa de sua rejeição da verdade, enviada do Céu a ela". — *Idem*, p. 605.

"Naquele tempo muitos se separarão das igrejas em que o amor deste mundo suplantou o amor a Deus e à Sua Palavra. Muitos, tanto ministros como leigos, aceitarão alegremente as grandes verdades que Deus providenciou fossem proclamadas no tempo presente, a fim de preparar um povo para a segunda vinda do Senhor". — *Idem*, p. 464.

Tais são, em traços gerais, as perspectivas do desenvolvimento da Obra nos anos futuros. É certo que não faltarão dificuldades e obstáculos de toda a espécie; mas mesmo então o Senhor manifestará Sua misericórdia de modo todo especial, num tempo que não será menos excepcional.

"Deus usará maneiras e meios pelos quais se verá que Ele está tomando as rédeas em Suas próprias mãos. Surpreender-se-ão os obreiros com os

***A Bíblia e o Espírito de Profecia apresentam promessas seguras no tocante à terminação da obra de Deus nos últimos dias. O fim não virá antes que as boas-novas do Reino sejam pregadas "por todo o mundo, para testemunho a todas as nações".***

meios simples que Ele usará para efetuar e aperfeiçoar Sua obra de justiça". — *Test. para Ministros*, p. 300. "Mercê das maravilhosas operações da providência divina, montanhas de dificuldades serão removidas e lançadas ao mar. A mensagem que tanta importância tem para os habitantes da Terra, será ouvida e compreendida. Os homens discernirão a verdade. A obra progredirá mais e mais até que a Terra inteira seja advertida; então virá o fim". — *Test. Seletos*, vol. 3, p. 332.

### Uma Obra Para Todos

Se o maravilhoso cumprimento das promessas de Deus feitas a nossos pioneiros deve encher-nos de confiança quanto ao futuro, a maneira como a obra se desenvolveu deve servir-nos de exemplo. A história do Movimento Adventista é essencialmente a história de um povo cuja fé se exprime por uma intensa atividade missionária. Foi por meio de homens e mulheres de condição humilde, como colonos, marinheiros, marceneiros, tecelões, paideiros e donas de casa, que a mensagem, em seu início, se propagou com incrível rapidez. Ainda é assim em toda a parte onde os membros da igreja compreendem que o Senhor também lhes concede a graça de serem vivos testemunhos da verdade.

Para completar a obra de Deus neste mundo, duas condições se impõem à Igreja do centenário das missões adventistas. São deduzidas claramente das citações que acabamos de fazer. Em primeiro lugar, o avivamento e a reforma do povo de Deus; depois, a participação de todos os membros na proclamação da última mensagem.

"A comissão do Salvador aos discípulos incluía todos os crentes. Abrange todos os crentes em Cristo até ao fim dos séculos. É um erro fatal supor que a obra de salvar almas depende apenas do ministro ordenado. Todos a quem veio a celestial inspiração, são depositários do evangelho. Todos quantos recebem a vida de Cristo são mandados trabalhar pela salvação de seus semelhantes. Para essa obra foi estabelecida a igreja, e todos quantos tomam sobre si os seus sagrados votos, comprometem-se, assim, a ser coobreiros de Cristo". — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 611.

Por certo, não é de luz e de conselhos que temos falta. Mediante os escritos do Espírito de Profecia, cada um pode ter uma idéia exata da maneira como será proclamado o evangelho. Mas a questão não é esta. A conclusão da obra

de Deus no mundo depende principalmente da espécie de cristãos que nós somos e da atitude de cada um de nós para com a tarefa a ser realizada. Tudo será diferente quando todos pudermos dizer com o apóstolo Paulo: "Não fui desobediente à visão celestial, mas anunciei primeiramente aos de Damasco e em Jerusalém, por toda a região da Judéia, e aos gentios, que se arrependessem e se convertessem a Deus, praticando obras dignas de arrependimento". Atos 26:19 e 20. Em que medida somos constrangidos pelo amor de Cristo?

"Por quarenta anos a incredulidade, murmurações e rebelião excluíram o antigo Israel da terra de Canaã. Os mesmos pecados têm retardado a entrada do moderno Israel na Canaã

celeste. Em nenhum dos casos as promessas de Deus estiveram em falta. É a incredulidade, o mundanismo, a falta de consagração e a contenda entre o professo povo do Senhor que nos têm conservado neste mundo de pecado e dor por tantos anos". — *Mensagens Escolhidas*, livro 1, p. 69.

Que este centenário seja para cada um de nós a ocasião de uma reviravolta em nossa vida e de nova consagração! "Quem é, pois, o servo fiel e prudente a quem o Senhor confiou os seus servos para dar-lhes o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo a quem seu Senhor, quando vier, achar fazendo assim. Em verdade vos digo que lhe confiará todos os seus bens". S. Mat. 24:45-47.

# Planos Para Alcançar Cada Lar Sul-Americano Antes de 1980

## DEZ MILHÕES DE FOLHETOS NA UNIÃO ESTE-BRASILEIRA

Um profissional da União Este-Brasileira, o Dr. Milton Afonso, doou 10.000.000 de folhetos a serem entregues em quatro partes, isto é, dois milhões e meio por ano, até 1980. O valor da primeira parcela, que já está em mãos das igrejas, é de 480.000 cruzeiros (aproximadamente 32.000 dólares, sendo o cálculo aproximado do custo total mais de dois milhões de cruzeiros, ou cerca de 130.000 dólares). No folheto se distingue a palavra "URGENTE", uma cena do regresso de Cristo e a frase: "Cristo Vem, Prepara-te".

Os folhetos estão sendo distribuídos em rigorosa ordem, e unicamente no trabalho sistemático destinado a visitar todos os lares do território. As instruções dadas pelo Departamento de Atividades Leigas da União, dizem textualmente: "Nenhuma igreja ou grupo iniciará a distribuição do folheto URGENTE, enquanto não tiver preparado um mapa do território com os quarteirões e os nomes das ruas".

Todos os membros da igreja, tanto jovens como adultos e até as crianças, estão sendo incentivados a participar da campanha em forma organizada. As cidades, vilas ou bairros nos quais não há igreja organizada, serão cobertos pelas igrejas vizinhas.

O visitante indica que é membro da Igreja Adventista e que participa nesta campanha de distribuição de dez milhões de folhetos, em vista da iminência do regresso de Cristo. Os visitantes procurarão aproveitar a oportunidade de orar em cada lar onde seja possível fazê-lo.

Segundo a reação do entrevistado, são-lhe oferecidos os diversos cursos por correspondência, "A Bíblia Fala", ou reuniões com diapositivos, em seu lar.

Cada folheto leva um carimbo com o endereço da igreja e o horário das reuniões.

A fim de obter maior aproveitamento das visitas, recomenda-se que cada visitante faça somente cinco entrevistas

**Penetração 78**

tas por semana.

O entusiasmo entre os organizadores e participantes é enorme, havendo grandes expectativas quanto aos resultados.

Acabam de ser enviados às igrejas 400 posters de dois metros de comprimento por um de largura, com a mesma gravura do folheto, para serem colocados na frente das igrejas, a fim de identificá-las com a campanha. Foram doados pelo mesmo leigo. Por sua vez, o Hospital Adventista Silvestre financiará uma película para TV a ser exibida em toda a União, salientando a mesma mensagem: "CRISTO VEM, PREPARA-TE".

### "JORNAL ADVENTISTA" — NOVA DIMENSÃO NA COMUNICAÇÃO DA MENSAGEM

Em 1902, escreveu a serva do Senhor: "Novos métodos precisam ser introduzidos. O povo de Deus tem que despertar para as necessidades da época em que vive". — *Review and Herald*, 30/09/1902.

Foi com esse propósito que a União Sul-Brasileira lançou em seu território o projeto "Jornal Adventista". Trata-se de algo simples, econômico e revolucionário. Objetiva alcançar através do mais potente e insubstituível veículo de comunicação, a mente de milhões de brasileiros com a mensagem adventista.

Em 1976 foram impressos e distribuídos um milhão de exemplares. As igrejas vibraram com o "novo método". Mesmo igrejas, consideradas inativas, recobram o zelo missionário e se integraram no plano de distribuição sistemática da publicação. Os resultados têm sido os mais inspiradores em ganho de almas.

As igrejas estabelecem a quantidade de jornais que desejam receber. Para facilidade de embalagem e transporte, optam por 250, 500, 750 ou 1.000. Feito isto, preenchem uma ficha de responsabilidade em três vias, com as assinaturas do Pastor, do tesoureiro e do diretor missionário. A quantia correspondente para o pagamento dos jornais segue para a tesouraria da Associação ou Missão, junto com a remessa de fundos. Caso a igreja não envie o dinheiro, sua quota de jornais é suspensa. Este plano tem funcionado bem nas igrejas da União Sul-Brasileira.

A distribuição dos jornais é feita em forma sistemática e dirigida. O Departamento de Atividades Leigas fornece uma ficha para o controle da distribuição. Preferência é dada às classes

*Nenhuma igreja ou grupo iniciará a distribuição do folheto URGENTE, enquanto não tiver preparado um mapa do território com os quarteirões e os nomes das ruas.*

especiais da cidade: médicos, professores, autoridades, engenheiros, advogados, pastores não adventistas, sacerdotes, bibliotecas públicas, bancos, hotéis, clubes Rotary e Lions, escolas, indústrias e famílias de classe média e alta.

Estabelecido o território a ser trabalhado, as igrejas das unidades evangelizadoras, dos desbravadores, dos jovens, das duplas visitadoras, saem em campo, levando todos os meses o jornal para as mesmas pessoas. É um trabalho de construção espiritual, de conscientização pública, de informação, de amizade, de atração, de conversão e de salvação. Este trabalho produz resultados.

Vantagens do Trabalho com o *Jornal Adventista*:

1. *É econômico.* Um jornal tablóide, a cores, de 20 páginas, com tanta documentação e matéria por um cruzeiro, é o que existe de mais barato.

2. *Não desperta preconceito.* Vivemos num país extremamente católico e supersticioso. O jornal é muito bem aceito por todos. O seu formato e título quebram a impopularidade de nossa mensagem.

3. *Muitos Artigos.* O folheto aborda só um tema. O jornal apresenta uma variedade de temas que interessa a todos.

4. *Reportagens.* Além dos temas espirituais, o jornal apresenta entrevistas com personalidades e autoridades do Governo. São assuntos de interesse pessoal.

5. *Informação.* Muitas igrejas estão utilizando o jornal na campanha da Recolta. Maior volume de informação sobre os adventistas tem resultado em melhores donativos. Ninguém dá para aquilo que não conhece bem.

6. *A Igreja gosta.* Nossos irmãos gostam do *Jornal Adventista*. É uma publicação de alto gabarito, e isto recomenda o seu trabalho. Os leigos sentem-se honrados e valorizados ao entregar um exemplar do jornal às autoridades e pessoas de destaque social.

7. *Público selecionado.* O jornal fala a linguagem que médicos, autoridades, professores, etc., melhor entendem. Visa a informar, conscientizar, criar imagem, levar a mente a uma análise do tema. O jornal é veículo de evangelização dinâmica.

A União Sul-Brasileira possui no momento uma força leiga de 130 mil membros espalhados em 1.070 igrejas e grupos. Acredita-se que muitas igrejas ainda não se aperceberam dessa

força evangelística que é o *Jornal Adventista*. Algumas, pela extensão do território, nem mesmo tomaram conhecimento de sua existência. Entretanto, o fato é que o *Jornal Adventista* existe, e aí está para realizar a sua obra.

### ASSOCIAÇÃO CENTRAL-PERUANA

Uma clara divisão do território entre os distritos foi realizada pela administração da Associação Central-Peruana. Cada obreiro, na reunião de obreiros no começo de 1977, recebeu um mapa de cada cidade de seu distrito, a fim de que faça planos para alcançar cada lar antes de 1980.

# Fosdick: Ensaio Sobre a "Alocação Pública Bem Sucedida"

Durante uma boa parte da primeira metade deste século, Harry Emerson Fosdick foi considerado por muitos como a mais importante figura popular no púlpito protestante. Sua teologia era controversa — a tal ponto que alguns advertiram: ele "não é um autêntico representante da religião cristã".<sup>1</sup> Poucos negam, porém, que Fosdick foi um orador público muito bem sucedido. Declarou-se que ele ocupava "em Nova Iorque... algo da posição que Henry Ward Beecher ocupou em Brooklin"<sup>2</sup>; outros consideravam-no "o verdadeiro sucessor de Phillip Brooks".<sup>3</sup> Durante a maior parte de sua carreira ativa, só se poderia ouvi-lo falar mediante um bilhete de ingresso. Vendeu-se mais de um milhão de exemplares de seus sermões, discursos

Arnoldo Kurtz,  
Professor  
de Organização  
da Igreja  
no Seminário  
Teológico  
da Universidade  
Andrews.

**O Pastor**

### MISSÃO NORDESTE (UNIÃO ESTE-BRASILEIRA)

Em julho de 1977, por ocasião do Concílio Ministerial, cada obreiro distrital recebeu o mapa de seu distrito, incluindo em forma clara os limites geográficos dentro dos quais deverá ser realizado o seu trabalho. Não ficou, portanto, nenhuma cidade ou aldeia fora da responsabilidade de algum pregador e suas equipes de leigos. Efetuou-se um cuidadoso estudo da maneira de planificar o trabalho pastoral, evangelístico e administrativo dentro desse distrito geográfico.

e dissertações transformados em livros. Seus milhões de ouvintes pelo rádio que assistiram semanalmente a suas palestras pelo espaço de cerca de duas décadas, bem como o grande número de seus leitores, denotam que suas alocações eram obras de arte que mereciam ser reconhecidas como tais.

Um requisito fundamental da teoria de Fosdick sobre a arte de falar em público era o sucesso. Para ele, a pregação bem sucedida não abonava os bancos vazios. Sua teoria era formada pelo que, em sua concepção, levava as pessoas a ouvir as pregações. A ênfase sobre o êxito é evidenciada na seguinte citação extraída de seu famoso artigo publicado em *Harper's Magazine* (1928): "Que Está Acontecendo com a Pregação?"

"Não há nada em que as pessoas estejam tão interessadas como em si mesmas, em seus próprios problemas e na maneira de solucioná-los. Esse fato é fundamental. Nenhuma pregação que despreza isso pode produzir um estremecimento numa congregação. É o indispensável ponto de partida de toda alocação pública bem sucedida, e neste caso coincidem os requisitos para o êxito prático e a presstatividade ideal".

Para ele, a qualidade indispensável da pregação bem sucedida era o interesse: "Uma evidente dificuldade com o sermão medíocre, mesmo que seja inofensivo, está em que ele é desinteressante. Não exerce um impacto. Poderia muito bem ser omitido".<sup>4</sup>

Os sermões de Fosdick têm sido examinados atentamente com a finalidade de isolar esses fatores que os tornam deveras interessantes aos ouvintes. Três deles serão considerados mais abaixo; os dois últimos foram evidentemente aplicados à pregação, por Fosdick, de maneira singular.

1. *A pregação bem sucedida é interessante porque passa do geral para o particular, do abstrato para o concreto.* Os ouvintes de Fosdick encontravam-se em geral acima da média quanto à educação. Este fato, aliado ao seu método de pregar solucionando problemas, poderia ter resultado em preleções ou argumentos rigorosamente trabalhados — “demasiado intelectuais”, segundo pensava um crítico amigável,<sup>5</sup> para constituir o melhor na pregação.

Embora ele argumentasse na estrutura de suas mensagens, não era argumentativo nos pormenores. Em vez de amontoar um fato sobre o outro ou apresentar um texto bíblico após o outro, para reforçar um ponto, lançava mão de ilustrações, analogias, figuras de linguagem, para ampliar e aclarar suas asserções.

Com freqüência, ele empregava a montagem — a compressão de incidentes para esclarecer um ponto: os irmãos Wright combatendo o escárnio e a derrota; Helen Keller triunfando sobre terríveis defeitos físicos; Cirano de Bergerac, esmagado e moribundo, mas exclamando: “Uma coisa sem uma mancha: . . . minha pena branca!”; Sócrates tomando a taça; Jesus sobre a cruz — os grandes triunfos da História procedentes de derrotas, todos condensados num só parágrafo.<sup>6</sup> As ilustrações de Fosdick eram comumente muito curtas, sendo quase sempre levadas a um ponto culminante por uma citação bem escolhida.

Ele conhecia a arte de usar metáforas ou símiles. Suas figuras mais vividas eram o produto de sua própria imaginação: julgava que a moderna sociedade industrial era “um tanto semelhante ao metrô — coloca os homens em proximidade física, sem uni-los em solidariedade espiritual”.<sup>7</sup> “A mente — disse ele — sempre caminha tão desconfortavelmente com novas idéias, como os pés com sapatos novos”.<sup>8</sup> De vez em quando ele condensava seu pensamento num epigrama: “Não se pode limpar a água de um poço pintando a bomba. Com mais freqüência, empregava as cadências da antítese: “Se não manejarmos muito bem as alterações, elas serão bem sucedidas em manejar-nos”.

*Um requisito fundamental na teoria de Fosdick sobre a arte de falar em público era o sucesso. Para ele, a pregação bem sucedida não abonava os bancos vazios.*

Estendendo-se amplamente na procura de material ilustrativo, ele era atilado em divisar relações invulgares ou em encarar um acontecimento antigo sob um novo aspecto. Sem apresentar desculpas, extraía muita coisa de Sua própria experiência pessoal. Relembrava os vívidos pormenores da ocasião em que sua mãe fez com que colhesse amoras num balde, ou da poça de água que se formou quando ele e outros meninos represaram um pequeno regato.<sup>9</sup> Lia numerosas obras biográficas — sobre Phillip Brooks, Daniel Webster, Thomas Jefferson, Gladstone, Elizabeth Fry, Henry Ward Beecher e muitos outros. (Era mister infindo esforço e prodigiosa energia para ser específico, e não geral, e para citar um trecho exato de uma biografia ou história, em vez de parafrasear vagamente, mas era compensador pelo fato de aumentar o interesse do auditório.)

Ocasionalmente, ele extraía algum incidente dramático dos jornais: como o caso da mulher que, ao fazer a limpeza da casa, vendeu seus livros velhos para um trapeiro, lembrando-se tarde demais que um deles continha quatro mil dólares. Ela “vendera algo muito valioso por uma ninharia”.<sup>10</sup>

Fosdick amava a música e a usava, bem como a poesia, para fins ilustrativos. Volvia-se para a música a fim de transmitir as indescritíveis emoções da religião: Depois de ouvir Toscanini e a Nona Sinfonia de Beethoven, “como que descemos do monte da transfiguração, arrastando a glória pela rua”.<sup>11</sup>

Ele sabia muito bem que para suscitar e manter o interesse o orador precisa transformar os ouvidos das pessoas em olhos.

2. *A pregação bem sucedida é interessante porque focaliza os interesses e as necessidades dos ouvintes.* Certamente a parte mais significativa e característica da teoria e prática da alocução pública de Fosdick era sua ênfase ao auditório, não somente como ponto focal de toda pregação, mas também como o principal fator determinante do método, tanto na composição como na transmissão. Chegou a considerar todo sermão como um projeto para aconselhar os membros de sua congregação no tocante a suas necessidades pessoais.

Sua solicitude pelo auditório era manifestada na parte introdutória de cada sermão. Desejava que seus ouvintes sempre dissessem para si mesmos, não somente no fim da introdução, mas também durante todo o sermão: “Ele está chegando para o meu lado”.<sup>12</sup>

“Todo sermão — disse Fosdick — deve ocupar-se principalmente com a solução de algum problema — um problema vital e importante que perturba a mente, oprime a consciência e prejudica a vida — e qualquer sermão que assim ataca um problema real, lança um pouco de luz sobre ele e ajuda alguns indivíduos a superá-lo de modo prático, não pode ser totalmente desinteressante. Sermão ideal é o que transporta para o púlpito tal interesse e franqueza na maneira de enfrentar problemas reais, e debate questões reais com pessoas reais e de modo real”.<sup>13</sup> Para ele, o objetivo do sermão tinha primazia sobre o assunto. Achava difícil preparar um sermão sem ter claramente em vista alguma dificuldade que as pessoas estavam enfrentando, alguma pergunta que estavam fazendo, algum pecado que estavam cometendo, ou alguma idéia errônea que estavam nutrindo.

Ao pronunciar seus sermões, Fosdick, que era versado em gesticulação, postura e modulação da voz, rejeitava as técnicas propositadas, por serem insinceras e artificiais. Achava que os pensamentos que brotavam do íntimo, estimulados pelo auditório visível, deviam determinar a modulação da voz e os gestos do corpo. Sua opinião de que a pregação devia centralizar-se nos ouvintes encerrava o sentido de que o sermão deve ser uma “conversação animada” com o auditório, a respeito de algum problema importante da vida espiritual. O efeito total deve ser o de uma palestra bem clara, direta, elucidativa e útil, entre o pregador e sua congregação. Fosdick acreditava que essa forma de pregação requeria que o pregador, acima de tudo o mais, conhecesse e compreendesse o seu povo e se interessasse por ele.

3. *A pregação bem sucedida é interessante porque a disposição do pensamento é mais psicológica do que lógica.* Neste sentido Fosdick se afastava novamente do que constituía o padrão homilético. Se o pregador estiver mais interessado em satisfazer as necessidades espirituais das pessoas do que na exposição pormenorizada de uma passagem, não acrescentará a sua exposição algumas aplicações práticas, mas começará com elas. Tão importante é a disposição ou a ordem dos pensamentos num sermão, que Fosdick declarou: “Ele não precisava ter usado outro texto ou um material diferente em seu sermão, mas se tivesse definido corretamente o seu objetivo, teria organizado e reunido o material de maneira diferente. Teria penetrado

*Ao pronunciar seus sermões, Fosdick, que era versado em gesticulação, postura e modulação da voz, rejeitava as técnicas propositadas, por serem insinceras e artificiais.*

em seu sermão pelo caminho do real interesse de sua congregação”.<sup>14</sup>

Devido à sua maneira de pregar procurando solucionar problemas, a parte dos sermões de Fosdick identificada como Introdução pelas autoridades atuais em assuntos de oratória era consideravelmente maior do que se recomenda em geral — talvez a quarta parte do comprimento total do sermão. Suas introduções satisfaziam normalmente a quatro finalidades: 1) expor o problema que era real na mente dos ouvintes; 2) salientar a importância do problema, mostrando como ele dizia respeito a quase todos ou à maioria dos principais aspectos da vida; 3) relacionar os problemas com a vida, da maneira apresentada na Bíblia; 4) expor claramente uma verdade importante (idéia central ou tema dominante). Essa grande verdade (só uma) tornava-se o centro em torno do qual era organizada a mensagem.

#### Maneira Persuasiva

Esse método de aproximação era deveras persuasivo. Tendo conduzido sua congregação a um estado de tensão suficientemente elevado no tocante a um problema, o pregador os torna sensíveis à solução que tem a oferecer.

Fosdick tinha o cuidado de relacionar a verdade central com cada um dos principais pontos corroborantes (que via de regra eram três). Esses pontos principais eram assinalados com clareza: “em primeiro lugar”, “considerai novamente”, “mais um ainda”, etc. Ele passava de um ponto para o outro com claras frases de transição. Com freqüência, as frases de transição que vinham após o primeiro ou o segundo ponto principal eram sumários internos, constituindo ao mesmo tempo um retrospecto do ponto ou dos pontos anteriores e uma apresentação antecipada do próximo ponto a ser desdobrado.

Muitos de seus sermões contêm três idéias subordinadas ao tema principal. A razão para isso é que os ouvintes não conseguem captar mais de três de uma só vez. Quando insistiram que ele dissesse por que elaborava os sermões de tal maneira que o primeiro ponto era o mais longo e o mais forte no apelo intelectual, Fosdick explicou que isso era compreensível em vista da crescente familiaridade dos ouvintes com o assunto bem como de seu aumento de fadiga e da emoção do orador, que se eleva naturalmente. “Dizeilhes imediatamente a verdade que desejais transmitir para eles. . . . O ponto

culminante é atingido mostrando-lhes o âmago do assunto no começo, e tornando a mostrá-lo. Assim ele cada vez se torna maior".<sup>15</sup> A culminância de um sermão deveria basear-se num "princípio de clímax emocional no apelo e na impressionabilidade moral, antes que num clímax de idéias".<sup>16</sup> Fosdick tinha a profunda convicção de que a disposição do material dos sermões era vital para a pregação bem sucedida.

Os cristãos evangélicos não concordariam com o uso um tanto casual da Escritura nas pregações de Fosdick. E os que insistem que a verdadeira pregação tem de ser pregação bíblica não discordariam de sua idéia de que a enfadonha e muito trabalhada exposição da Escritura, comumente relacionada com a "pregação expositiva", não mantém o interesse das pessoas hoje em dia. No entanto, pregadores evangélicos estão demonstrando que pregação bíblica e pregação interessante não são incompatíveis.

Evidentemente, há um preço a ser pago. Em 1933 Edgar DeWitt Jones escreveu o seguinte a respeito de Fosdick: "Por trinta anos . . . ele tem passado as manhãs de cinco dias por semana em seu gabinete de estudo. Nenhuma mensagem pode chegar até ele, ali; nenhum chamado telefônico pode alcançá-lo, e não é permitida a entrada de visitantes. Nesse isolamento, ele 'labuta terrivelmente' com os seus sermões".<sup>17</sup> O processo geral do preparo de sermões fazia com que lesse "todo livro de primeira ordem a ser publicado em quase todos os setores". Ele

**Muitos de seus sermões contêm três idéias subordinadas ao tema principal. A razão para isso é que os ouvintes não conseguem captar mais de três de uma só vez.**

escreveu: "Sem tal estudo consecutivo, continuado e bem organizado, não vejo como um homem possa progredir em seu ministério em geral ou em sua pregação em particular".<sup>18</sup>

Seja qual for a posição teológica assumida, não se pode negar que esse pregador, que ano após ano atraía congregações que tinham de apresentar bilhetes para poder entrar, e o qual "consequia um auditório, quer pagasse num teatro, ou numa garagem"<sup>19</sup>, deve ter tido uma teoria de comunicação que merece o nosso estudo.

#### Bibliografia:

- 1 *Catholic World* CXXXIV, 799 (outubro de 1931), p. 100.
- 2 *Current Opinion* (dezembro de 1924), p. 756.
- 3 Roy C. McCall, *Harry Emerson Fosdick's Art of Preaching*, Lionel Crocker, ed. (Springfield, Illinois: Charles C. Thomas, Publisher, 1971), p. 115.
- 4 Harry Emerson Fosdick, *Harper's Magazine*, CLVII (julho de 1928), pp. 131-141.
- 5 Joseph Fort Newton, ed., *If I Had Only One Sermon to Preach* (Nova Iorque: Harper and Brothers, 1932), p. 108.
- 6 Fosdick, *The Hope of the World: Twenty-five Sermons on Christianity Today* (Nova Iorque: Harper and Brothers, 1933), pp. 83, 84.
- 7 *Idem*, p. 105.
- 8 Fosdick, *Adventurous Religion* (Nova Iorque: Harper and Brothers, 1926), p. 244.
- 9 Fosdick, *The Secret of Victorious Living, Sermons on Christianity Today* (Nova Iorque: Harper and Brothers, 1934), pp. 2 e 89.
- 10 Fosdick, *The Hope of the World*, p. 79.
- 11 Fosdick, *Successful Christian Living, Sermons on Christianity Today* (Nova Iorque: Harper and Brothers, 1937), p. 76.
- 12 McCall, *Quarterly Journal of Speech*, XXIX (outubro de 1953), p. 296.
- 13 Fosdick, *Harper's Magazine*, CLVII (julho de 1928), pp. 131-141.
- 14 Lionel Crocker, *Harry Emerson Fosdick's Art of Preaching*, Lionel Crocker, ed., p. 234.
- 15 McCall, *op. cit.*, p. 288.
- 16 Edmund H. Linn, *Anthology*, Lionel Crocker, ed., p. 234.
- 17 Edgar DeWitt Jones, *American Preachers of Today* (Indianópolis: Bobbs-Merrill Co., Inc., 1933), p. 29.
- 18 Linn, *op. cit.*, p. 119.
- 19 McCall, *op. cit.*, p. 286.

## Senso do Dever

O grande relógio que pendia do teto do longo corredor do Hospital X deu duas badaladas. Eram 14:00 horas, e isto significava mudança de plantões. Ao lado do relógio estava a porta que dava acesso ao Pronto Socorro.

Com um profundo suspiro de alívio, o Dr. Y despediu-se: "Chau pessoal. Até amanhã!"

Olga S. Streithorst

### O Lar do Pastor

— Doutor — falou nervosamente a enfermeira que o assessorava — acaba de chegar um menino acidentado. É grave o estado dele.

— Meu plantão terminou, Clarita — respondeu o Dr. Y.

Ela retrucou, querendo insistir:

— Mas o Dr. Z ainda não chegou para substituí-lo. Que vamos fazer?

— Azar dele! Nem um minuto a mais, Clarita — falou ele secamente; e retirou-se apressado.

O lindo menino de dois aninhos, cabelos louros encaracolados e de mei-

gos olhos azuis necessitava de cuidados imediatos. Sua mãe de nada sabia, pois estava no trabalho. Os vizinhos foram os que levaram a criança ao Pronto Socorro. Perguntavam ansiosos e angustiados à enfermeira:

— Que é do médico?

Ela nada mais tinha a responder, mesmo por ética profissional, a não ser:

— Ainda não chegou. Aguardem um pouquinho.

Depois de uma espera de meia hora que mais se comparou a uma eternidade, porque a vida do pequeno corria perigo, chegou o médico plantonista. Fez o máximo que lhe foi possível para salvar aquela inocente criança, mas foi de balde todo o seu esforço. Ela expirou alguns minutos após, em suas mãos . . .

Cada dia, ao sair do plantão do Hospital X, o Dr. Y ia até sua casa para rever seu filhinho, antes de dirigir-se ao seu consultório particular. Ao chegar, buzinava, e imediatamente aparecia correndo aquele pequerrucho sorridente e muito querido menino, de bracinhos abertos para encontrá-lo. Atirava-se aos braços do pai, e este o beijava com fervente afeição. Era seu primogênito, seu único filho. Por algum tempo brincavam alegres e felizes, e a seguir o Dr. Y retirava-se para o consultório. Isto era a rotina diária.

Naquela tarde, porém, ao chegar em casa, o médico estranhou a ausência da criança: ela não fora esperá-lo no portão, como de costume. Seu coração estremeceu! Que teria acontecido? A passos largos dirigiu-se ao berço do menino, e não o encontrou. Foi à procura da babá, mas estava ausente. Perguntou à cozinheira onde estava o Ruizinho. Amedrontada, antevendo uma forte reação do pai da criança, respondeu:

— Doutor, o Ruizinho foi levado ao Pronto Socorro do Hospital X pelos vizinhos da direita. A babá deixou-o cair. Em meio da agitação causada pelo acidente, a babá desapareceu.

Como um louco, o Dr. Y dirigiu seu carro até o Pronto Socorro de onde saíra poucos minutos antes, pensando em ajudar e atender seu filhinho que tanto representava para sua vida. Porém, era tarde demais! Deparou-se com a criança pálida, inerte, já sendo transportada para o necrotério.

A cena que se passou foi indescritível. Como desfecho final dessa lamentável ocorrência verídica, o Dr. Y, traumatizado pela constrangedora tragédia que teve por origem sua falta de senso do dever, ficou com sério

*Naquela tarde, porém, o médico estranhou a ausência da criança: ela não fora esperá-lo no portão, como de costume. Seu coração estremeceu!*

problema psíquico. Depois de restabelecido, deixou para sempre a profissão de médico.

Três pessoas implicadas na morte de um ser inocente!

Irresponsabilidade de três pessoas adultas!

Três pessoas traumatizadas para o resto da vida!

Fatos como o que acabamos de narrar, que evidenciam completa ausência de responsabilidade nos deveres assumidos, são atualmente o prato de cada dia, tanto nos lares como em todas as profissões. É o professor que chega atrasado; é o aluno que não prepara os deveres escolares; é o empregado desleixado em seu trabalho; é aquela senhora que não cumpre fielmente seus deveres domésticos, deixando de atender às necessidades e aos horários do esposo e dos filhos; é o empregador que não cumpre suas obrigações estabelecidas por lei; é o marido e pai que não faz jus às suas atribuições; é o cristão que olvida seu compromisso para com Deus. A falta do senso de responsabilidade para com o próximo é alarmante e lamentável, porém para com Deus é indesculpável. É freqüente notarmos pessoas chegando à igreja depois de iniciados os serviços do Culto de Adoração; outras, nomeadas para certos cargos, os executam com displicência, e outros simplesmente nada fazem. Isto significa menosprezo à Pessoa de Deus, Ser Supremo na vida do cristão.

### Que Fazer Nesta Contingência?

Estão escasseando sobre a Terra os que arcam com responsabilidades e as cumprem a rigor. Poucos são os que, mesmo com prejuízo ou sacrifício próprio, dão conta dos compromissos assumidos.

Como orientar nossos filhos com o fito de adquirirem este traço de caráter imprescindível à vida? Que fazer para que a geração que surge seja mais responsável do que a presente? Não resta dúvida de que há dois fatores preponderantes que contribuem para a consolidação deste ideal: o exemplo dos pais e a prática desse hábito desde os tenros anos de vida da criança. Um lembrete de inestimável valor para os pais: as bases do bom ou do mau caráter são assentadas até os sete anos de idade. Isto diz não somente a pena inspirada, mas estudos de psicologia afirmam o mesmo. Nunca é demais encarecer a necessidade da orientação e dos cuidados das mães junto aos seus filhos para ministrá-lhes tais lições,

que permanecerão como um alicerce inabalável durante a existência deles.

Queridas mães, este trabalho tão nobre e digno não pode ser relegado a ninguém. Deus o exige de vocês, e o seu resultado é mais valioso do que qualquer salário ou vantagens que possam perceber fora do lar. Sejam um guia para seus filhos! Sejam um espelho, uma luz, uma bênção!

O caráter é o conjunto de hábitos adquiridos. Deduz-se daí que a criança deve ser habituada a praticar as virtudes que desejamos façam parte integrante do seu caráter. A mãe, portanto, dará tarefas aos seus filhinhos tão logo possam executá-las: pequenos deveres a princípio e maiores responsabilidades à medida que vão crescendo.

Estive hospedada durante uma semana na casa de um Pastor. Naquele lar havia dois meninos, de 4 e 5 anos aproximadamente. Notei, com alegria, que aquela mãe estava preocupada em formar um caráter sólido e em preparar seus filhinhos para o Céu. Na sexta-feira, às 17:00 horas, a mãe disse: "Queridos, está perto da hora de fazermos o culto do pôr do Sol". Sem qualquer palavra mais e sem nenhum queixume por parte deles, deixaram imediatamente os brinquedos que tinham levado para brincarem no quintal, perto da cozinha. Juntaram todos eles, colocaram-nos dentro das duas caixas e, pegando nelas, um de cada lado, levaram ambas ao lugar destinado para elas na despensa, correndo em seguida para banharem-se.

Observando este simples episódio, deduzi que aquela senhora já havia ensinado aos seus meninos pelo menos três virtudes importantes para sua vida: senso de responsabilidade, obediência e ordem. A mãe deles não lhes disse o que deviam fazer — disse apenas que estava perto da hora do pôr do Sol. Pelo hábito arraigado, automaticamente se puseram a recolher e a guardar os brinquedos nos devidos lugares; sabiam também que logo após deveriam preparar-se para receber o sábado do Senhor. No decorrer daquela semana pude constatar outras tantas virtudes que aquela jovem mãe já havia incutido em suas crianças de apenas 4 e 5 anos. Na hora do culto doméstico iam buscar a Bíblia, a Lição e a Devoção Matinal, e, ao terminarem, guardavam-nas no lugar próprio. Enxugavam os talheres e os colocavam na gaveta, bem arrumadinhos; sabiam o lugar dos seus sapatos. Sabiam também quais eram suas tarefas diárias e as executavam.

Para os adolescentes os deveres já

*Estão escasseando sobre a Terra os que arcam com responsabilidades e as cumprem com rigor. Poucos são os que, mesmo com prejuízo ou sacrifício próprio, dão conta dos compromissos assumidos.*

devem ser mais pesados, e sugere-se que seja feito um horário para a semana, exigindo-se, com muito tato e amor, que seja cumprido, com a perfeição condizente com a idade. As tarefas do lar devem ser exercidas tanto pelas meninas como pelos meninos. É gritante o número de moças que se casam sem terem qualquer noção dos deveres que as aguardam no lar. Concorrem para isto as mães que querem "poupar" suas filhas enquanto elas se esfalfam de trabalhar; são também as empregadas domésticas que devem fazer tudo porque são pagas para isso. As mães, quer tenham recursos financeiros ou não, quer tenham empregadas ou não, devem distribuir as atividades do lar entre os seus filhos: cada um deve ter sua cota de obrigações a cumprir cada dia. O cumprimento do dever resulta em alegria e satisfação e promove a unidade da família. A tarefa de orientar e ensinar as crianças no lar demanda muito esforço, paciência e amor, mas é compensadora, creiam-me.

#### "Precisa-se de um Rapaz"

Uma tabuleta com a frase acima permaneceu algumas semanas na janela do escritório da firma Peters e Cia. Não porque o Sr. Peters não encontrasse rapazes para empregar-se — pelo contrário, apareceram uns doze candidatos — mas ele tinha algo mais importante em vista, ao testá-los. João Simmons foi o primeiro a ser admitido. Gostou do lugar, davam ótimo almoço, o trabalho era apenas para levar recados e, além disso, pagavam bem. Começou sua atividade.

À tardinha o trabalho escasseou, e o Sr. Peters disse: "Simmons, suba ao sótão. Lá encontrará um baú muito grande. Quero que o ponha em ordem". Ele subiu. Aquele era um lugar escuro, frio, habitado por ratos, e continha muitas teias de aranha. Ali estava o velho baú no meio do sótão! Com os seus botões, analisava a situação e o trabalho: o baú pesava mais de uma tonelada... Nada de importante havia dentro dele: apenas pregos enferrujados, chaves quebradas, pedaços de ferro — enfim, era apenas entulho.

— Ih! um rato! Se há coisa que de-  
testo é rato!

O vento assobiava ao entrar pelo buraco da fechadura e lhe causava arrepios...

— O velho está muito enganado se pensa que vou ficar aqui no meio destas bugangas. Eu me empreguei para

dar recados!

E pensando assim, desceu a escada de três em três degraus. Logo o Sr. Peters apareceu e perguntou:

Colocou tudo em ordem, Simmons?

Eu não encontrei nada para pôr em ordem — respondeu o menino. — Não há nada que se possa aproveitar. Só vi cacos velhos.

— Mas era isso mesmo que eu queria que colocasse em ordem — disse o Sr. Peters. — Você o fez?

— Não senhor. Afinal de contas, eu me empreguei para dar recados, Sr. Peters.

— Oh! — disse o empregador. — Mas eu pensava que nas horas vagas você poderia fazer tudo o que eu lhe pedisse. Vá levar este recado à cidade.

E o rapaz foi alegre, dizendo de si para si: “Eu sei manobrar este velho. Ele deve saber quais são os meus direitos”.

Perto das 18:00 horas, Simmons chegou e foi chamado para receber o pagamento do dia. Quase desmaiou quando lhe foi comunicado que não necessitavam mais dos seus serviços.

Outro rapazote foi aceito — era o Carlito. Esteve dando recados até uma hora antes de encerrar-se o expediente da tarde. Foi então mandado para o sótão a fim de fazer uma boa arrumação no baú. Ele não tinha medo de ratos, nem do frio e da escuridão, mas também não achou alguma coisa no baú que merecesse ser colocada em ordem. Desceu trazendo nas mãos umas três chaves, alguns pregos perfeitos, e disse:

— Tudo que aproveitei do baú está aqui. O resto são pregos enferrujados, martelos tortos e quebrados, ferro velho, e assim por diante.

O Sr. Peters disse: “Agora vá ao correio buscar a correspondência”. Ao voltar, Carlito recebeu sua diária e foi despedido.

Crawford Mills foi o terceiro admitido para o teste. Passou todo o tempo ocupado em dar recados. Só no segundo dia teve uma folguinha, e foi mandado para o sótão a fim de pôr em ordem o baú. A manhã se passou e também a hora do almoço, e ele não desceu. Foi preciso o Sr. Peters chamá-lo:

— Terminou o trabalho, Mills?

— Não senhor — respondeu ele. — Ainda tenho muito que fazer.

— Muito bem — disse o patrão. — Mas agora venha almoçar, e logo em seguida poderá voltar ao sótão.

Depois de um boa refeição, ele voltou ao trabalho do baú, e não se viu mais o Mills naquela tarde. Estava

*Perto das 18:00 horas, Simmons chegou e foi chamado para receber o pagamento do dia. Quase desmaiou quando lhe foi comunicado que não necessitavam mais dos seus serviços.*

ocupadíssimo. Quase ao final da tarde, desceu a escada e disse:

— Sr. Peters, eu fiz o melhor que pude. Encontrei ISTO no fundo do baú — e entregou-lhe uma moeda de ouro no valor de cinco dólares.

Que lugar impróprio para uma moeda de ouro! — disse o Sr. Peters. — Foi ótimo você encontrá-la. — E enquanto falava, colocou a moeda no bolso de Mills.

Logo que Mills saiu, o Sr. Peters foi ao sótão e, à luz de uma lanterna, inspecionou o trabalho do rapaz. Maravilhoso! Perfeito! Aqueles bagulhos que durante 25 anos tinham sido juntados no baú, agora estavam em perfeita ordem. Mills primeiramente tirara tudo de dentro do baú; depois separara todos os objetos iguais; em seguida fizera divisões no interior do baú e colocara etiquetas com os nomes das diversas peças que guardaria: pregos perfeitos, pregos enferrujados, chaves pequenas, chaves grandes, fechaduras, etc. Qualquer coisa que se procurasse seria encontrada com facilidade. Quando o Sr. Peters viu aquelas etiquetas, riu gostosamente, e como que disse para os ratos que passeavam por ali: “Se não estou enganado, encontrei um rapaz, e ele encontrou uma fortuna!”

No dia seguinte, Mills foi aceito como efetivo. Fora aprovado no teste! O anúncio desapareceu da janela, e Mills ficou sendo conhecido como o rapaz-de-recados da firma Peters e Cia. O Sr. Peters deu a Mills um lema, por escrito: “TUDO QUANTO TE VIER À MÃO PARA FAZER, FAZE-O CONFORME AS TUAS FORÇAS”. Ele leu-o, e disse sorridente: “Eu me esforçarei para fazê-lo da maneira mais perfeita possível, Sr. Peters”.

Este fato aconteceu há muitos anos. Já faz muito tempo que Mills não é mais um rapaz de recados. A firma, famosa e muito bem conceituada, mudou de nome e passou a ser: Peters, Mills e Cia.

Um jovem homem, um jovem rico, um jovem responsável, um jovem cristão encontrara o segredo do sucesso na vida secular e na vida cristã na Bíblia de sua mãe: “TUDO QUANTO TE VIER ÀS MÃOS PARA FAZER, FAZE-O CONFORME AS TUAS FORÇAS”.

Pais: esta é uma das mais importantes lições a serem ensinadas aos filhos!

# As Festas Hebraicas no Quadro Profético e Escatológico

Numerosas passagens do Novo Testamento nos falam da importância que Jesus e os discípulos deram ao testemunho do Velho Testamento.<sup>1</sup> "O Salvador é tão claramente revelado no Velho Testamento como no Novo. É a luz do passado profético que apresenta a vida de Cristo e os ensinamentos do Novo Testamento de maneira clara e bela. Os milagres de Cristo são uma prova de Sua divindade; mas uma prova mais forte ainda de que Ele é o Redentor do mundo, encontra-se comparando as profecias do Velho Testamento com a história do Novo".<sup>2</sup> "Em toda página, seja história, preceito ou profecia, irradia nas Escrituras do Velho Testamento a glória do Filho de Deus. Em tudo quanto encerrava de instituição divina, *todo o judaísmo* era uma *encadeada profecia* do evangelho".<sup>3</sup>

Visto que o ritual hebraico é tão extenso, decidimos restringir-nos em nosso estudo ao cerimonial envolvido nas festas cívico-religiosas do povo de Israel. Nelas pode-se ver também, entre sombras, o plano divino para a salvação do mundo. Apresentam um diagrama tão abarcante e completo, que se estende da cruz de Cristo até a erradicação final do pecado e o estabelecimento eterno do reino de Deus. Nesse admirável esboço está incluído, além disso, o surgimento do remanescente final de Cristo, com o anúncio do juízo de Deus e a admoestação de que devemos preparar-nos para o dia de Sua vinda. A compreensão deste aspecto fundamental do culto hebraico originou o Movimento Adventista. Esse ritual lança luz sobre o povo de Deus na parte final da história do mundo, e o assinala com uma verdade distintiva que o caracteriza sobre todos os outros grupos religiosos. A consistência e o fundamento de nossa mensagem estão claramente expostos nessa perspectiva hebraica.

Muitos temas doutrinários podem ser enriquecidos se forem focalizados sob esse triplice aspecto histórico, profético e escatológico. "A *significação da dispensação judaica não é ainda plenamente compreendida*. Profundas

Alberto Treiyer,  
Professor  
de Bíblia no Colégio  
Adventista  
del Plata.

e vastas verdades são prefiguradas em seus ritos e símbolos. O evangelho é a chave que desvenda seus mistérios. Pelo conhecimento do plano de salvação, suas verdades abrir-se-nos-ão ao entendimento. Muito mais do que o fazemos, temos o privilégio de compreender estes maravilhosos temas".<sup>4</sup>

## 1. A Páscoa e os Pães Sem Fermento

O vocábulo hebraico "pesach", uma transliteração de uma palavra egípcia que significa "a ferida", e o termo "pashhu", que aparece nas Cartas de Amarna para descrever os resultados da formação de um convênio, parecem possuir os dois significados comumente aceitos para designar a Páscoa. A transliteração para o grego que aparece na Versão dos Setenta, em Filo, no Novo Testamento e em outros escritos sempre é Pascha, e é usada como neutro, exceto ocasionalmente nos escritos de Joséfo.<sup>6</sup>

Naquela terrível noite em que Deus feriu os egípcios de grande mortandade com Sua última praga, como resultado de um concerto feito com Seu povo Ele os livrou do cativo. Por conseguinte, nada melhor do que uma festa evocativa desse resgate para iniciar as festas anuais do povo de Deus. Nenhuma festa futura poderia ser efetuada sem essa primeira. Constituiu o ponto de partida, a razão primordial de todas as outras festividades.

Como manifestação do que Deus pode fazer por Seu povo se este crê nEle e Lhe obedece, o Senhor quis immortalizar na mente de Seu povo aquele dia de libertação sobrenatural. O mês da libertação passaria a ser então "o primeiro mês do ano" (Êxo. 12:2), e todas as indicações prescritas para a libertação deviam repetir-se "por memorial" nas "gerações" sucessivas, "por estatuto perpétuo" (V. 14). Essa festa era tão importante que se alguém estivesse imundo "por causa de um morto", ou se não pudesse celebrar-la nesse dia, por estar longe, de viagem, podia comemorá-la "no mês segundo, no dia catorze" (Núm. 9:10 e 11).

## Enfoque Cristológico da Páscoa

Nós que contemplamos esta festa deste lado da cruz, podemos dizer com o apóstolo Paulo que "Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós" (I Cor. 5:7). A verdade evangélica está saturada das prescrições e dos resultados dessa festa.<sup>7</sup> Desde a entrada do pecado, toda obra divina em favor dos homens deveria efetuar-se por meio de uma libertação. Com Sua morte, Cristo nos livrou da escravidão do pecado (Rom. 6:22 e 23). Graças aos méritos de Sua vida, podemos então ser levados ao Sinai para aprender a obedecer e para obter uma experiência vitoriosa que nos assegurará a posse da herança prometida. Consideremos alguns pormenores desse ritual.

A) *O Cordeiro*. O ato central girava em torno do sacrifício do cordeiro pascal, como figura de Cristo, nosso Cordeiro celestial (S. João 1:29). Esse cordeiro devia ser sem defeito (Êxo. 12:5), pois tinha de refletir a imaculada pureza do Filho de Deus, "como de cordeiro sem defeito e sem mácula" (I S. Ped. 1:19 e 20). Não lhe deviam quebrar os ossos (Êxo. 12:46; Núm. 9:12), pois Deus preserva os ossos dos justos (Sal. 34:20). "Assim também representava-se a inteireza do sacrifício de Cristo".<sup>8</sup> Em cumprimento inconsciente deste ponto, os soldados quebraram as pernas dos dois ladrões; "chegando-se, porém, a Jesus, como vissem que já estava morto, não Lhe quebraram as pernas. . . . E isto aconteceu para se cumprir a Escritura: Nenhum dos Seus ossos será quebrado" (S. João 19:32-36).

a. *O Sangue*. Devia ser aspergido com hissopo "em ambas as ombreiras, e na verga da porta, nas casas em que o comerem" (Êxo. 12:7). "O hissopo . . . era símbolo da purificação"<sup>9</sup> (ver Êxo. 12:22; Sal. 51:7), e o uso do sangue ilustrava a maneira pela qual "os méritos do sangue de Cristo devem ser aplicados à alma".<sup>10</sup>

Assim como não bastava o sacrifício do cordeiro para obter a salvação do primogênito, mas o seu sangue devia ser aplicado individualmente em cada lar, assim também, para o cristão, o sacrifício sobre a cruz, pensamento essencial, não é suficiente; deve ser efetuada uma aplicação pessoal do sangue. Sobre a cruz Cristo fez a provisão para que cada um fosse salvo. Mas, por si mesma, a cruz não salva a pessoa alguma. Apenas tornou disponível a salvação (S. João 1:12). A morte do cordeiro previa o meio de salvação; a aplicação do sangue tornava

*Profundas e vastas verdades são prefiguradas em seus ritos e símbolos. O Evangelho é a chave que desvenda seus mistérios.*

eficaz o meio provido.<sup>11</sup> "Devemos crer que Ele morreu não somente pelo mundo, mas que morreu por nós individualmente".<sup>12</sup>

b. *A Carne*. Devia ser inteiramente comida; por isso, se a família era pequena, devia ser convidado "o seu vizinho mais próximo, conforme o número de almas; conforme o que cada um puder comer"; por aí devia ser calculado quantos bastariam para o cordeiro (Êxo. 12:4). Se de toda maneira sobrasse alguma coisa, devia ser queimada pela manhã (Êxo. 12:10). Jesus disse também: "Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue tem a vida eterna. . . . Pois a Minha carne é verdadeira comida, e o Meu sangue é verdadeira bebida. Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue, permanece em Mim e Eu nele". S. João 6:54-56.

Isto significa alimentar-nos de Sua Palavra (S. João 6:63).<sup>13</sup> "E Ele — a Palavra (*logos*) — Se fez carne". S. João 1:14, Edição Ecumênica. "Não basta mesmo que creiamos em Cristo para o perdão dos pecados; devemos pela fé estar recebendo constantemente força e nutrição espiritual dEle, mediante Sua Palavra".<sup>14</sup> Destarte, não devemos alimentar-nos parcialmente, mas assimilar completamente Sua vida e torná-la uma parte orgânica de nossa vida. Sua Palavra não é morta, mas viva. Seu Espírito toma a vida de Cristo e a transplanta em nossa própria vida (S. João 6:63).

B) *As Ervas Amargas*. Outras especificações tinham que ver com o que acompanhava a ingestão da carne do cordeiro. Numa declaração singular, nos é dito que "o cordeiro devia ser comido com ervas amargas, indicando isto a amargura do cativoiro egípcio. Assim, quando nos alimentamos de Cristo, deve ser com contrição de coração, por causa de nossos pecados"<sup>15</sup> (Ver Êxo. 12:8). "Em anos posteriores, houve algumas modificações deste ritual, permanecendo, porém, os pontos essenciais".<sup>16</sup>

"A páscoa devia ser tanto comemorativa como típica, apontando não somente para o livramento do Egito, mas, no futuro, para o maior livramento que Cristo cumpriria libertando Seu povo do cativoiro do pecado"<sup>17</sup> (Êxo. 12:24-27); porque "todo o que comete pecado é escravo do pecado. . . . Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres" (S. João 8:34 e 36; ver Rom. 6:16-23).

C) *Os Pães sem Fermento*. Intimamente ligada à páscoa estava a Festa dos Pães Asmos (Lev. 23:6-8). A re-

lação entre essas duas festas era tão estreita, que amiúde se chama de páscoa a todo o período designado pelos pães sem fermento<sup>18</sup>; e vice-versa.<sup>19</sup> O cordeiro pascal era sacrificado pouco antes do pôr do Sol (Deut. 16:6) e era comido ao iniciar-se, no dia 15 de Nisan, a Festa dos Pães Asmos, "depois do pôr do Sol, e posteriormente bem tarde da noite, ... dentro dos muros de Jerusalém".<sup>20</sup>

Quando saíram do Egito, os israelitas não somente comeram a carne pascal com ervas amargas, mas também com pães sem fermento (Êxo. 12:8). Isto constituía uma lembrança da condição em que saíram do Egito, com "pão de aflição" (Deut. 16:3). Durante os sete dias da festividade não se encontrava nenhum fermento nas habitações dos hebreus (Êxo. 12:19; 13:7).<sup>21</sup> Com uma rigorosidade semelhante, "o fermento do pecado devia ser afastado de todos os que recebessem vida e nutrição de Cristo".<sup>22</sup>

#### Enfoque Cristológico dos Pães sem Fermento

O Novo Testamento explica mais pormenorizadamente o significado do fermento. Jesus referiu-Se ao fermento como sendo a doutrina dos fariseus, saduceus e herodianos (S. Mat. 16:6 e 12; S. Mar. 8:15). O fermento dos fariseus, entre outras coisas, representa a justificação e glorificação própria; a vã escrupulosidade manifestada num zelo errado; a hipocrisia em assuntos religiosos; cobiça, injustiça, intolerância, crueldade, etc. (S. Mat. 23; S. Luc. 12:1). O fermento dos saduceus representa o ceticismo (S. Mat. 22:23) e a conseqüente ignorância das Escrituras e do poder de Deus (S. Mat. 22:29). Por último, o fermento dos herodianos era a lisonja e a hipocrisia (S. Mat. 22:16-21), e a per-versa maquinação contra os servos de Deus (S. Mar. 3:6).<sup>23</sup>

Esses mesmos significados foram atribuídos pelos apóstolos, acrescentando-lhes eles, em alguns casos, outros pecados mais, como a imoralidade (I Cor. 5:1-6), a persuasão de não obedecer à verdade (Gál. 5:1, 4 e 7-9), etc. Em seu sentido mais amplo, essa festa apontava para a libertação do pecado que o Filho de Deus efetuará ao tirar o nosso velho fermento e criar "nova massa, ... sem fermento" (I Cor. 5:7). O "fermento da maldade e da malícia" (V. 8), o "velho fermento", que, mesmo sendo pouco, leveda a massa toda" (Vs. 8 e 6), representa o "velho homem, que se corrompe

*Desde a entrada do pecado, toda obra divina em favor dos homens deveria efetuar-se por meio de uma libertação. Com Sua morte, Cristo nos livrou da escravidão do pecado.*

segundo as concupiscências do engano" (Efés. 4:22). Os "asmos da sinceridade e da verdade" (I Cor. 5:8), a "nova massa" (V. 7), representam o "novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade" (Efés. 4:24). Deste modo, essas duas festas sustinham a vida do crente, "positivamente pelo consumo da carne, e negativamente, pela abstenção do fermento".<sup>24</sup>

#### Emblemas Substituintes

Os dois emblemas mais importantes para comemorar a libertação do Egito foram o cordeiro e o pão. Ao iniciar-se o dia da páscoa, Cristo estabeleceu dois emblemas substituintes: o pão e o vinho, para anunciar a libertação do pecado "até que Ele venha" (I Cor. 11:23-26; S. Mat. 26:26-29; S. Mar. 14:22-25; S. Luc. 22:14-20). No encerramento da páscoa costumava-se cantar os salmos 115 e 118.<sup>25</sup> Jesus também cantou "um hino" com os Seus discípulos (S. Mat. 26:30). Eram salmos de gratidão e alegria pela libertação obtida. Assim também, devemos manifestar com um hino nossa gratidão e alegria pela liberdade mais completa que Cristo obteve por nós, na cruz.

Só podiam participar da páscoa os que haviam ingressado no corpo do judaísmo mediante o rito da circuncisão (Êxo. 12:44-48).<sup>26</sup> Embora não necessitemos proibir os que não pertencem a nossa denominação de participar dos emblemas substituintes mediante um ato de fé, é aconselhável, à luz destas passagens, que participem com mais acerto os que por meio do batismo pertencem ao povo remanescente ou que, pelo menos, vivem em harmonia com a lei de Deus.<sup>27</sup>

#### Algumas Aplicações Derivadas da Páscoa

Três fatos históricos de celebração pascal apresentam três aspectos realmente significativos. A primeira páscoa foi celebrada pelos israelitas na terra do cativo, no Egito (Êxo. 12:24-27). A segunda páscoa foi realizada no deserto (Núm. 9:1-5), no local da peregrinação. As iguarias picantes do Egito, a carne e o anelo de levar uma vida mais confortável faziam com que o povo preferisse muitas vezes a escravidão e menosprezasse a libertação outorgada tão maravilhosamente. A celebração da páscoa no deserto tinha o objetivo de resistir aos miseráveis atrativos da escravidão, pois concentrava a mente nos fatos impressionantes da libertação. A terceira páscoa

de que se faz menção foi festejada logo depois que os israelitas atravessaram o Jordão, em Canaã, na terra prometida (Jos. 5:9-11). Então foi tirado definitivamente o "oprobrio do Egito", e a escravidão perdeu seu encanto para sempre.

Vemos algo semelhante nos emblemas substituintes do Novo Concerto. A celebração da Santa Ceia ocorreu neste mundo, no próprio local de nosso cativeiro (S. Luc. 22:19). Aqui foi levantada a cruz de Cristo, e por Sua morte fomos libertados do castigo do pecado. Mas, embora tenhamos iniciado pela fé o êxodo para a Canaã celestial, ainda nos encontramos no lugar de nossa peregrinação e necessitamos ser libertados cada dia do poder do pecado. Por conseguinte, também devemos repetir no tempo presente o rito sagrado instituído por nosso Senhor para resistir aos atrativos deste mundo, não menosprezando assim o Dom oferecido em troca de nossa liberdade. Nossa peregrinação pode tornar-se exaustiva ou monótona, segundo encaremos nossa vida, e a escravidão do mundo pode parecer-nos mais prazerosa e tolerável. Olhar para a cruz de Cristo acabará com as nossas queixas e dissipará o fermento de nossas murmurações.

Finalmente, quando chegarmos às mansões celestiais, toda aflição e o opróbrio do mal se terão dissipado para sempre. Livres da presença do pecado, participaremos então com Cristo de Seu prometido "banquete escatológico"<sup>28</sup> (S. Luc. 22:19; S. Mat. 26:29; S. Mar. 14:25; I Cor. 11:26). Que ocasião solene será aquela! Como não será o hino triunfal a ser entoado na-

**Finalmente, quando chegarmos às mansões celestiais, toda aflição e o opróbrio do mal se terão dissipado para sempre. Livres da presença do pecado, participaremos então com Cristo de Seu prometido "banquete escatológico".**

quele tempo! (Apoc. 15:3). O fermento do pecado terá sido desarraigado para sempre. Assim como é impossível responder à pergunta: "Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?" (Heb. 2:3; 10:26-31), também é impossível responder a uma outra pergunta que emoldura a segurança de nossa esperança: "Aquele que não poupou a Seu próprio Filho, antes, por todos nós O entregou, porventura não nos dará graciosamente com Ele todas as coisas?" Rom. 8:32.

#### Bibliografia

- 1 Ver S. João 5:39 e 46; S. Luc. 16:31; 24:44, etc.
- 2 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 594.
- 3 *Idem*, p. 151.
- 4 Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 133.
- 5 *The Seventh-day Adventist Bible Dictionary*, p. 817.
- 6 C. Friedrich, *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 5, p. 897.
- 7 *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 1, p. 803.
- 8 Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 281.
- 9 *Ibidem*.
- 10 *Ibidem*.
- 11 *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 1, p. 803.
- 12 Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 281.
- 13 *Idem*, p. 283.
- 14 *Idem*, pp. 281 e 283.
- 15 *Idem*, p. 283.
- 16 M. L. Andreasen, *O Ritual do Santuário*, p. 145.
- 17 Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 281.
- 18 Ver Deut. 16:1-3; S. Luc. 22:1; S. Mat. 26:2; S. Luc. 2:41; S. João 2:13 e 23; 6:4; 11:55; 12:1; 13:1; 18:39; 19:14; 12:4.
- 19 Ver S. Mat. 26:17; S. Mar. 14:1 e 12; S. Luc. 22:7; Atos 12:3 e 4; *SDABC*, vol. 5, pp. 519 e 520; *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 5, p. 897.
- 20 *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 5, pp. 897 e 899.
- 21 *The Jewish Encyclopedia*, vol. 9, p. 548.
- 22 Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 283.
- 23 M. L. Andreasen, *O Ritual do Santuário*, p. 147.
- 24 *Idem*, p. 146.
- 25 *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 5, p. 523.
- 26 *The Jewish Encyclopedia*, vol. 9, pp. 548 e 556.
- 27 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 491.
- 28 *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 5, p. 897.

## NOVE PROVAS DA DIVINDADE DE CRISTO

1. S. João 14:29 — Ele conseguia ler o coração humano.
2. S. João 14:29 — Era capaz de predizer o futuro.
3. S. João 6:1-33 — Tinha poder criador.
4. S. João 5:21; 11:43-45 — Tinha poder para dar vida.
5. S. João 8:46 — Era infalível em Suas declarações. Jamais cometeu um erro.
6. S. Mateus 9:5 — Tinha autoridade para perdoar pecados.
7. S. Mateus 14:33 — Inspirava adoração.
8. S. João 5:25 e 26 — Tinha vida inerente em Si mesmo.
9. S. João 1:12 — Tinha poder para transformar corações.

— Phyllis Bailey